

## As "Virgens Messiânicas": participação e influência das "Virgens" Teodora e Maria Rosa no Contestado (1912-1916)

Natália Ferronato da Silva  
[nataliaferronato@yahoo.com.br](mailto:nataliaferronato@yahoo.com.br)  
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O Movimento Social do Contestado principiou como um fenômeno religioso de exaltação milenar com características messiânicas, mantendo basicamente essas características místicas, até o final da guerra. Esse aspecto foi intensificado já que a principal liderança mística, o Monge José Maria foi morto logo primeiro combate, no faxinal do Irani, em outubro de 1912. Assim, a expectativa de seu retorno, além de provocar um novo agrupamento que inicialmente era restrito acabou por agregar diferentes segmentos sociais. É nesse conjunto que encontramos as "Virgens Messiânicas" como porta-vozes, transmissoras legitimadas da palavra do Monge e fortalecedores do vínculo entre o monge e os sertanejos. Elas representam a ligação do mundo mítico com o mundo dos caboclos. Este texto discute a participação e influência das "virgens" Teodora e Maria Rosa nesse contexto utilizando-se da bibliografia existente sobre o assunto.

Palavras-Chave: Contestado; Messianismo; Mulheres; Poder

Abstract: The Social Movement of the Contestado began as a religious phenomenon of millennial exaltation with messianic characteristics, basically keeping these mystical characteristics, until the end of the war. This aspect has been intensified since the main mystique leadership, the Monk Jose Maria was killed in his first combat in the Faxinal do Irani in October 1912.

Thus, the expectation of his return besides provoked a new grouping that initially was restricted, eventually included different social segments. It is in this conjunct we find the "Messianic Virgins" as spokeswomen, legitimized transmitter of the word of the Monk and empowering the relationship between the monk and the backwoodsman. They represent the connection of the mythical world with the world of the *caboclo*. This paper discusses the participation and influence of the "virgins" Theodora and Maria Rosa in this context using the existing literature about the subject.

Key-words: *Contestado*; Messianism; Women; Power

*The "Messianic Virgins": participation and influence of the "Virgins" Theodora and Maria Rosa in the Contestado (1912-1916)*

A Guerra do Contestado (1912-1916) ocorreu na região de fronteira entre Paraná e Santa Catarina, área esta que estava em disputa pelos dois Estados.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Cabe ressaltar que o conflito não foi uma guerra travada entre os Estados do Paraná e Santa Catarina pela querela da região litigiosa e que a maior parte das "cidades santas" e da guerra ocorreram em território catarinense não contestado pelo Paraná.



Foram muitas às causas que deram origem a Guerra do Contestado, entre as principais pode-se levantar a questão dos limites entre Paraná e Santa Catarina. Quem mais sofria com essa situação era a população. Havia mudanças contínuas de autoridades dos dois estados, contratos e casamentos eram cancelados e impostos eram cobrados pelos dois estados. Existia ainda: grilagem de terras por parte dos grandes proprietários sobre os pequenos sitiantes e posseiros; opressão, mandos e desmandos dos Coronéis; e ainda a ação violenta da Brazil Railway.

A Brazil Railway - empresa responsável pela construção e funcionamento da estrada de ferro São Paulo- Rio Grande - recebeu a concessão para exploração de até 15 quilômetros para cada lado da estrada. O intuito era a exploração da madeira e a colonização. Para fazer valer o contrato, a empresa iniciou a expulsão dos agricultores e caboclos (grande parte destes não possuíam título de propriedade das terras) que viviam basicamente dos ervais que estavam sendo destruídos pela madeireira da Brazil Railway, a Southern Brazil Lumber and Colonizatin Company. Assim os problemas já existentes na região foram intensificados pela ação da Brazil Railway.<sup>2</sup>

Os resultados dessa situação é uma insatisfação, que foi marcada pela tentativa de mudança daquela realidade.

O movimento do Contestado abrangeu uma extensa área, que, a partir da tradição religiosa local, conseguiu unir diferentes setores da sociedade que se encontravam descontentes com a situação que vigorava. Entre eles: seguidores do Monge João Maria; maragatos<sup>3</sup>; opositores políticos dos Coronéis de Lages, Canoinhas e Curitibaanos; sertanejos que perderam suas terras para a estrada de ferro; ervateiros; médios fazendeiros e comunidades caboclas.

Com todas estas situações sendo vivenciadas pela maioria dos moradores do planalto, havia um sentimento de indignação com a ordem vigente. Assim era natural que os sertanejos se voltassem cada vez mais para o seu próprio grupo ligado por traços de cultura e religiosidade, especialmente a devoção ao Monge João Maria. A população sertaneja se organizou em torno de um ideal de mudança e a partir disso criou um universo mítico.

Sobre João Maria, grande parte dos autores ressalta sua origem mítica. João Maria foi personagem messiânico-milenarista, de origem italiana, que teriam chegado ao Brasil em 1844. Ele teria andado por diversas regiões do país. Era um peregrino, curador, benzedor, rezador,

<sup>2</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. Caminhos da Guerra do Contestado. In: *Revista História Catarina*, vol. II, nº 2. Lages: jan/mar. 2007.

<sup>3</sup> Federalistas.



ermitão, monge, conselheiro, profeta e messias. A chegada de João Maria ao Brasil coincide com grande efervescência social e política e também significativas mudanças provocadas pela Abolição da Escravatura, Proclamação da República, entrada de grandes projetos multinacionais, colonização européia e implantação da Lei de Terras de 1850.

Há divergências sobre o desaparecimento deste peregrino conhecido por João Maria de Agostinho. Alguns autores dizem ter ocorrido por volta de 1875 e outros dão datas tão díspares, como 1889, 1906, 1908 ou até 1933 no Paraguai. O mistério sobre seu desaparecimento, raramente referido como morte, aponta para a esperança no seu retorno “reencantado”.<sup>4</sup>

Em toda aquela região ficara, profundamente gravada na lembrança dos mais velhos, a imagem do homem que percorrera o sertão, anos antes. Esperança ele trouxera pra todos, quando pelo mundo peregrina, auxiliando os oprimidos e consolando os aflitos. Ele se fora, mas os pobres, lembrando seus conselhos e palavras, neles encontravam lenitivo. Envolto em lenda ele surgira, no meio de uma lenda também desaparecera. Esperavam-no. Mentira pura as notícias da sua morte. Quando muito, ele fora ao céu, falar com Deus, mas regressaria para cuidar da sua gente. Aguardavam-no, pois.<sup>5</sup>

O Clero católico a ele se opunha uma vez que não era sacerdote católico ordenado pela Igreja, não trazia consigo o conhecimento teológico e não fora oficialmente enviado para evangelizar. Todavia, os caboclos acreditavam que ele era um enviado de Deus para trazer conselhos, cura, profecias e auxílio aos que necessitassem.

Grande parte dos autores sugere que outro João Maria teria surgido, entre 1886 e 1893, no Planalto Catarinense e ficou conhecido como João Maria de Jesus. Seria de origem Síria, chamado Atanás (ou Anastás) Marcaf (ou Markaf) e teria desaparecido por volta de 1908.

O Monge João Maria é freqüentemente vinculado ao Contestado. Explicitar esta ligação se torna importante para demonstrar a relevância dos monges como agentes de mudança social.

Em 1912 andava por Campos Novos, um curandeiro e rezador que ficou conhecido como José Maria de Santo Agostinho e que teria se apresentado como irmão de João Maria de Jesus. Devido a sua postura, e a esperança no retorno de João Maria, ele foi indiretamente adquirindo o prestígio de João Maria. Em agosto do mesmo ano, José Maria foi convidado para participar das

<sup>4</sup> WELTER, Tânia. *O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo: Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Santa Catarina. 2007.

<sup>5</sup> SASSI, Guido W. *Geração do Deserto*. Por Alegre: Movimento, 1982. p. 7.



festividades a Bom Jesus, após o termino da festa as pessoas não foram embora, e chegavam ainda mais pessoas atrás de José Maria. Assim, a cada dia aumentava ainda mais o povoado de Taquaruçu. Dentre os que chegavam havia agricultores e posseiros que eram expulsos pela Lumber e também por Coronéis, de suas casas e não tinham para onde voltar. Segundo Donaldo Schuler “na cidade santa de Taquaruçu se refugiaram todos os desamparado, todos os expulsos de terras, todos os sofedores; prostitutas e criminosos, todos procurariam a cidade santa de Taquaruçu e ficariam limpos.”<sup>6</sup>

O Coronel Francisco Albuquerque, acionou o então governador do Estado, Vidal Ramos, e em poucos dias um destacamento foi enviando a Taquaruçu. Numa tentativa de escapar da polícia e evitar um confronto do qual nem sabia a razão, José Maria e aproximadamente 40 homens rumaram para Faxinal do Irani, nos Campos de Palmas, que se encontrava provisoriamente sobre administração do Paraná. A chegada de José Maria e do grupo, foi encarada pelo Paraná como uma invasão ao território. Assim a polícia paranaense resolveu agir. Então em 22 do Outubro de 1912 ocorreu o combate do Irani, sob comando do Coronel João Gualberto. O resultado foi à morte de diversos combatentes dos dois lados, principalmente na força paranaense, além da morte de José Gualberto e do próprio José Maria.

Com a morte de José Maria os militares consideravam que o movimento havia terminado. Todavia, antes do Combate do Irani, José Maria teria afirmado que morreria e voltaria um ano depois junto ao “Exército Encantado” de São Sebastião. Com essa profecia os sertanejos se espalharam ficando no aguardo do retorno de José Maria. Para alguns autores, embora a passagem de José Maria pela região tenha sido bastante curta, ele teria criado as condições para a eclosão e manutenção da Guerra do Contestado.<sup>7</sup>

Com a morte heróica de José Maria se inaugura o tempo da esperança. Essa esperança de seu retorno e a capacidade de comunicação com este, teria iniciado o ciclo de construção de novos mediadores e, a partir destes, mobilizado o povo em torno de sua mensagem. Trata-se especialmente de “Virgens”<sup>8</sup>, que tinham a capacidade de entrar em contato com ele e comunicar, aos demais, sua mensagem e palavras de ordem.

<sup>6</sup> SCHÜLER, Donaldo. *Império Caboclo*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Porto Alegre: Editora Movimento, 2004. p. 38.

<sup>7</sup> LAZARIN, Katiúscia Maria. *Fanáticos, rebeldes e caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado*. (1916-2003). Florianópolis: UFSC/PPGHST, 2005. p. 134.

<sup>8</sup> O título de “Virgem” nem sempre diz respeito à condição sexual, mas a capacidade adivinhatória.



Passado um ano da morte de José Maria, Teodora, uma menina de 11, neta de Eusébio Ferreira dos Santos (um dos Pares de França)<sup>9</sup> e Querubina, começou a relatar que tinha visões de José Maria e que o monge ordenava que todos voltassem a Taquaruçu para aguardar seu retorno junto ao “Exército Encantado”.

Com um ano já completo  
Diz' que a alm'apareceu,  
Pr'uma “Virgem”, a Teodora  
Em Perdiz, que aconteceu:  
Mas foi la'em Taquaruçu,  
Que o milagre sucedeu.<sup>10</sup>

A partir de então diversas pessoas foram em direção a Taquaruçu. Agrupando-se em terras de Chico Ventura, deram início ao primeiro “Quadro Santo” ou “Cidade Santa”, comunidade esta que viveria seguindo as ordens de João Maria, transmitidas por Teodora.

Alli nas proximidades da casa de Euzebio, José Maria esteve durante oito dias, findo os quaes elle ordenou Theodora que dissesse ao seu avô Euzebio que, si quizesse acompanhar Deus, seguisse para Taquarussú, onde devia ser estabelecido novo acampamento para seus povos; que elle abandonasse os seus bens e nunca mais voltasse para sua casa; e que, finalmente, sahisse no prazo de tres dias, deixando as portas de sua casa aberta, não procurando mais o que deixasse. E assim fez Euzebio [...]. Os irmãos da santa crença de José Maria tiveram immediato conhecimento das ordens do santo. E todos, novamente reunidos, seguiram para Taquarussú, 7 leguas além de Euzebio, e alli fizeram novo acampamento”<sup>11</sup>[sic]

Em entrevistas a Nilson Thomé a Sra. Maria Cândido Palhano (entrevistada em 1977), afirmou que “Teodora era uma moça, foi virgem. Era bem encorpada, clara e metida à mandona”.

<sup>9</sup> Os Doze Pares de França, era um grupo formado por alguns sertanejos que se destacavam. Eles exerciam as funções de defesa dos redutos, sua guarda interna, o enterramento de companheiros mortos em combate e mesmo a celebração de casamentos, como juízes de paz, além de auxiliar o comandante em suas decisões. O grupo dos Doze Pares de França era formado por vinte e quatro sertanejos, que entendiam a dignidade de “par” posta no livro *História de Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, o qual assinalava o fato dos cavaleiros serem iguais entre si nos atos de bravura. Devido à dedicação que tinham em combate, os “Pares de França” causavam pavor entre os inimigos.

<sup>10</sup> Trovas de Neném Schefer anotadas por Euclides Philippi publicados em DOLBERTH, A. Maria Rosa é homenageada pela Rádio Comunitária. In: DOLBERTH, Aldo (org). *Maria Rosa. A virgem comandante da guerra sertaneja do Taquaruçu*. Curitiba: Thipograf, 2005. p. 21.

<sup>11</sup> ASSUMPCÃO, Herculano Texeira de. *A Campanha do Contestado*. V.I e II. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1917. p. 235.



Já a Sra. Anunciação Palhano (entrevistada em 1984) diz que “No meu tempo não tinha Maria Rosa. Tinha Hilária e Teodora. Eram rainhas, princesas [...]”<sup>12</sup>

Teodora permaneceu somente duas semanas como vidente e comandante de Taquaruçu, já que vinha ocorrendo uma crescente descrença em suas visões, ela mesma teria se assustado com sua representação no reduto. Teodora teria perdido o “açó”. Todavia, se sabe que ela continuou a atuar como “Virgem” junto a outras lideranças religiosas e políticas do movimento dos diferentes redutos até o final da guerra.

Em depoimento a Maurício Vinhas de Queiroz, Teodora afirmou que as “visões” que tinha com José Maria não passavam de invenções de seu avô Eusébio e de outras lideranças, como forma de dirigir o grupo e legitimar suas decisões. Independentemente disso, as “visões” de Teodora, traziam uma ligação com o sagrado, estas “visões”, juntamente com as relações de compadrio e amizade, foram responsáveis pelo aumento do reduto de Taquaruçu, suas “visões” foram importantes para aglutinar pessoas em torno de uma mesma esperança. Após o conflito, Teodora passou a viver em Perdizes Grandes com o tio Antonio Ferreira dos Santos e família, casou duas vezes e teve oito filhos. E no ano de 1979 veio a falecer na cidade de Curitiba, aos 78 anos.

Além da “Virgem” Teodora, podemos destacar “Maria Rosa” que por sua atuação nos redutos é freqüentemente lembrada.

Maria Rosa entrou na guerra  
Na terra do Contestado,  
Levando flores no cabelo  
Comandou o povo armado.<sup>13</sup>

Em Caraguatá, a liderança estava dividida entre Elias de Moraes e a “Virgem” Maria Rosa. Mauricio Vinhas de Queiroz descreve Maria Rosa como sendo:

[...] uma adolescente dos seus quinze anos, loura, cabelos crespos, pálida, alegre, de extraordinária vivacidade [...]. Maria Rosa não sabia ler nem escrever, mas falava sem desembaraço. Andava amiúde com um vestido

<sup>12</sup> THOMÉ, Nilson. *Os Iluminado*. Personagens e Manifestações Místicas e Messiânicas do Contestado. Florianópolis: Insular, 1999. p. 165.

<sup>13</sup> TELLES, Vicente (org.). *Folclore Itinerante da Epopéia do Contestado*. História em Música. Irani, 2002. p. 21.



branco, enfeitado de fitas azuis e verdes e de penas de pássaros, de todos os matizes, em profusão [...].<sup>14</sup>

Como “Virgem” e comandante, procurou manter o comando sobre os “Pares de França” e os sertanejos. Diferentemente de Teodora, suas ordens não eram submetidas a um conselho. Maria Rosa permanecia trancada em um quarto, do qual só saía para transmitir as ordens que teria recebido de João Maria. Assim a partir do comando geral, ela distribuía ordens e comandos.

Segundo o General Demerval Peixoto, Maria Rosa agia “mancomunada com os espertos exploradores dos infelizes”<sup>15</sup>. Mas, para os sertanejos, a “Virgem” era considerada uma santa e que ela “tudo sabia”. Para eles Maria Rosa representava com fidelidade a vontade do Monge e por isso tinha o poder de destituir, designar e sentenciar.

Lá a “Virgem” Maria Rosa  
No reduto é que mandava,  
Ninguém mais intrometia  
Pois, só ele comandava;  
Nomeou todos cabeças  
Os que mais considerava.<sup>16</sup>

Diversos foram os feitos de Maria Rosa enquanto “Virgem” e comandante. Dentre eles o Combate de Caraguatá e a Evacuação do reduto. No Combate de Caraguatá, em março de 1914, que é considerado um dos mais violentos da guerra, Maria Rosa atuou como comandante, a batalha foi vencida pelos “pelados” contra os “peludos”.<sup>17</sup> No final do mesmo mês, Caraguatá foi evacuado devido a uma epidemia de tifo. Há ainda outros motivos que teriam servido de incentivo para a mudança. Maria Rosa teria recebido um mensagem de José Maria avisando que as forças policiais voltariam a atacar e por isso era necessário providenciar a mudança dos fiéis. Assim, a “Virgem” comandou a evacuação e comandou a marcha com mais de duas mil pessoas, além de animais e mantimentos para o reduto de Bom Sossego.

<sup>14</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas. *Messianismo e Conflito Social. A Guerra Sertaneja do Contestado 1912 - 1916*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1981. p. 151.

<sup>15</sup> PEIXOTO, Demerval. *Campanha do Contestado. Episódios e Impressões*. Rio de Janeiro, 1916. p. 85.

<sup>16</sup> Trovas de Neném Schefer anotadas por Euclides Philippi, publicados em DOLBERTH, A. Maria Rosa é homenageada pela Rádio Comunitária. In: DOLBERTH, Aldo. Op. cit., p. 26.

<sup>17</sup> Os devotos de João Maria começaram a cortar seu cabelo “rente” e passaram se denominar “pelados”. Os “peludos” os militares e demais adeptos ao governo.



Em Bom Sossego, Maria Rosa manteve certa autoridade mais logo perdeu o “aço” e como Teodora ficou em segundo plano. Foram levantados diversos motivos para a queda de Maria Rosa. Um dos motivos seria Maria Rosa ter começado a perder o controle da situação, pois nesse período (de fevereiro a agosto de 1914) o movimento enveredou para o “banditismo”. Momento em que diversos ataques foram efetuados pelos caboclos. Os principais alvos foram às estações da estrada de ferro, as serrarias da Lumber e algumas vilas dominadas por coronéis.

Outro motivo seria a visita que Maria Rosa teria recebido do então Capitão Matos Costa com o intuito de se iniciar as negociações de paz. Elias de Moras teria reprovado essa atitude. Assim a “Virgem” perdeu o comando e foi substituída por Chiquinho Alonso.

Há ainda aqueles que afirmam que Maria Rosa teria se deixado levar pelo orgulho, perdendo assim a santidade e o “aço”<sup>18</sup>. Maria Rosa teria permanecido no reduto de Bom Sossego, atuando como “Virgem” até o final da guerra, todavia não se sabe ao certo o que aconteceu com ela após o término da guerra. Em depoimento a Nilson Thomé, a “Virgem” Teodora afirma que Maria Rosa teria morrido na guerra. “Ela morreu na entrada da Cidade Santa, defendendo nossa gente”.<sup>19</sup> Ou ainda, como milhares de crianças órfãs que a guerra deixou, Maria Rosa teria sido adotada por outras famílias da região.

A verdade é que diferentemente da “Virgem” Teodora, não se sabe ao certo o que aconteceu a Maria Rosa, esta incógnita produz margem para inúmeras histórias a respeito da “Virgem”. Ao longo os anos, a figura de Maria Rosa vem sendo construída, ela é retratada em música, poesia e literatura, um exemplo disso é a obra Império Caboclo de Donaldo Schüller, onde Maria Rosa é tratada como virgem, mãe, carrasco. É respeitada e temida, sente piedade dos inocentes, doentes, velhos e crianças e apesar de viver um romance com o Capitão Matos Costa, ela é comparada a da própria “Virgem Maria”. Por isso não é difícil vermos Maria Rosa retratada como heroína, guerreira, santa, líder, mártir e guia. A “Virgem que tudo sabia”, respeitada e amada.

As “Virgens” eram possuidoras de poder e influência sob os sertanejos e o mundo mítico, uma vez que se tornaram representantes do poder e da inspiração divina e estabeleciam um elo entre o “mundo encantado” e o mundo dos sertanejos. O Messianismo existente no Movimento nos permite avaliar a participação delas no Movimento. Para Lísias Negrão:

<sup>18</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas. Op. cit., p. 163.

<sup>19</sup> THOMÉ, Nilson. Op. cit., p. 197.





Constituem-se como movimentos messiânicos, milenaristas, ou messiânico-milenaristas desde simples contestações pacíficas quanto a aspectos selecionados da vida social, até rebeldias armadas, ambos os tipos informados pelo universo ideológico religioso, capazes de, ao mesmo tempo, diagnosticar as causas das atribuições e sofrimentos e indicar caminhos para a superação, desde os mais racionais até os mais utópicos.<sup>20</sup>

Apesar de o Movimento do Contestado não ser puramente messiânico, já que também envolveu questões políticas, sociais e econômicas, no entanto, desde o início pode-se perceber uma linguagem messiânica e milenar que foi agregadora de diferentes grupos descontentes com a situação vigente.

A base do messianismo no Contestado é o catolicismo. Os mesmos sacramentos de batismo, comunhão, casamento. Os fundamentos do catolicismo foram mantidos, todavia muitas de suas doutrinas foram alteradas, tais como as curas, profecias e a santidade das “Virgens”.

Na foto, que foi retirada da obra “O Último Jagunço” do autor Euclides Philippi e que segundo este seria uma montagem, vemos três “Virgens ao lado de José Maria. A atuação das “Virgens” se inicia somente um ano após a morte de José Maria, não sendo possível ele estar ao lado delas. Nessa imagem é possível perceber a santidade, o poder e a influência das “Virgens” e o lugar que estas tinham nos redutos. Os vínculos entre o monge e os sertanejos, foram fortalecidos pelas “Virgens”.

O Monge tornou-se mito e símbolo e a ele foram atribuídos milagres. É através do imaginário religioso do Movimento do Contestado que encontramos suas porta-vozes, as transmissoras legitimadas da palavra do Monge, elas representam a pureza, a renovação, o fio condutor que levava o povo a José Maria.

A recorrência da figura do monge obtinha o consenso dos fieis e legitimava as ordens postas pelas “Virgens”. Elas foram possuidoras de grande poder simbólico, mas que trazido para o plano concreto, influenciaram em ações e decisões nos redutos e no Movimento.

Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência “real”, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efectiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de

<sup>20</sup> NEGRÃO, Lísias Nogueira. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 46, junho de 2001, p. 119.



sentido e poderio. Os bens simbólicos, que qualquer sociedade fabrica, nada têm de irrisório e não existem, efectivamente, em quantidade ilimitada.<sup>21</sup>

Faz-se necessário afirmar que ao longo da guerra lideranças religiosas, como as “Virgens”, foram perdendo o poder. De comandantes, passaram a coadjuvantes, exercendo funções secundárias nos redutos, principalmente após o Combate de Caraguatá. Ainda assim, mesmo no final da guerra, era necessária a assessoria das virgens junto aos sertanejos como forma de manter a unidade.

## Referências

ASSUMPCÃO, Herculano Texeira de. *A Campanha do Contestado*. V.I e II. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1917.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*, v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. p. 298-299.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000.

DERENGOSKI, Paulo Ramos. *O Desmoronamento do Mundo Jagunço*. Florianópolis: FCC Edições, 1986.

DICKIE, Maria Amelia S. *Afetos e circunstâncias*. (Tese Antropologia). São Paulo: PPGAS/USP, 1996.

DOLBERTH, Aldo (org.). *Maria Rosa. A virgem comandante da guerra sertaneja do Taquaruçú*. Curitiba: Thipograf, 2005.

ESPIG, M.J.; MACHADO, Paulo Pinheiro (orgs.). *A Guerra Santa Revisitada: novos estudos sobre o movimento do Contestado*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. FCC, 1986.

LAZARIN, Katiúscia Maria. *Fanáticos, rebeldes e caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na historiografia do Contestado*. (1916-2003). Florianópolis: UFSC/PPGHST, 2005.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Um Estudo Sobre as Origens Sociais e a Formação Política das Lideranças Sertanejas do Contestado* (1912 – 1916). Tese de doutorado. Campinas: Unicamp/História, 2001.

---

<sup>21</sup> BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: *Enciclopédia Einaudi*, v. 1. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1984. p. 298-299.



\_\_\_\_\_. *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas* (1912-1916). Campinas: EdUnicamp, 2004.

MONTEIRO, Douglas T. *Os Errantes do Novo Século*. Um Estudo sobre o surto milenarista do Contestado. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Revisitando o messianismo no Brasil e profetizando seu futuro. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, n. 46, junho de 2001.

PEIXOTO, Dermerval. *Campanha do Contestado*. Episódios e Impressões. Rio de Janeiro, 1916.

QUEIROZ, Maurício Vinhas. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Dominus, 1965.  
\_\_\_\_\_. *Messianismo e Conflito Social*. A Guerra Sertaneja do Contestado 1912 - 1916. 2. ed. São Paulo: Ática, 1977.

SASSI, Guido W. *Geração do Deserto*. Por Alegre: Movimento, 1982.

SCHÜLER, Donald. *Império Caboclo*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Porto Alegre: Editora Movimento, 2004.

SERPA, Élio C. *Igreja e Poder em Santa Catarina*. Florianópolis: EdUFSC, 1997.

TELLES, Vicente (org.). *Folclore Itinerante da Epopéia do Contestado*. História em Música. Irani, 2002.

THOMÉ, Nilson. *Os Iluminado*. Personagens e Manifestações Místicas e Messiânicas do Contestado. Florianópolis: Insular, 1999.

WELTER, Tânia. *O Profeta São João Maria continua encantando no meio do povo*: Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal da Santa Catarina. 2007.

